2.ª SERIE. TOMO V.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 15. QUINTA FEIRA, 21 DE OUTUBRO DE 1852. 12.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

CONGRESSO HYGIENICO.

O distincto escriptor hespanhol, sr. D. Ramon de Lasagra, foi honrado com o titulo de um dos vice-presidentes do congresso hygienico, celebrado em Bruxellas, sendo muito obsequiado por s. magestade o rei Leopoldo.

Folgamos que este nosso distincto amigo, a quem s. magestade a rainha de Portugal concedeu tambem uma prova de sua real benevolencia, receba por esta fórma o premio que o seu talento e grande applicação tanto merecem.

Fazemos votos para que a saude do illustre sabio lhe permitta continuar a gloriosa carreira com que tanto honra a Hespanha e serve a humanidade.

Eis a carta por elle dirigida a um jornal de Madrid, datada de 24 de setembro, relatando o resultado das conferencias do dito congresso.

« Meus estimados amigos, não julgo infringir a prohibição de todo o trabalho mental que me imposeram os facultativos, dictando algumas linhas sobre o congresso hygienico que acaba de celebrar-se aqui.

A importancia das questões discutidas, a novidade de muitos dos systemas appresentados, e a necessidade em que se acha a nossa patria de adotpar os melhoramentos recommendados, são motivos mais que sufficientes para desobedecer um pouco aos medicos, ainda quando por isso desconte alguns dias de minha existencia.

O programma das questões propostas comprehende quatro secções a qual mais interessante, a saber: 1.ª habitações de operarios, banhos e lavatorios, hospitaes e hospicios: 2.ª canos das ruas e latrinas, distribuição d'aguas e ventilação: 3.ª organisação da hygiene publica, alimento da infancia, inhumações, cimiterios, e depositos mortuarios: 4.ª falsificação de comestiveis, trabalho dos meninos, e policia das officinas, prostituição.

Por este programma se conhecerá que a hygiene publica foi considerada em seu verdadeiro e vasto conjuncto, saíndo dos estreitos limites medicos que vulgarmente se lhe tem marcado. O governo desta adiantada nação tinha dado já um grande passo para o exame e resolução de tão importantes problemas, creando ha annos um conselho superior de hygiene publica annexo á administração, e dependente directamente do ministerio do interior; é composto de homens eminentes na medicina, em administração, nas sciencias naturaes, nas construcções civis, e nos estudos economicos.

Este conselho, que promoveu a convocação do congresso do anno antecedente, redigiu para facilitar os trabalhos ao presente um projecto de resolução ás questões do programma. Se não fizesse mais do que adoptar as medidas propostas neste notavel documento que com varios outros remetti ao governo de v. magestade, ter-se-ía dado um passo immenso a favor da hygiene publica em todos os paizes. Porém, a cooperação dos homens distinctos que tomaram parte nas discussões dilatou o circulo dos melhoramentos decretados com um grande numero de factos e de systemas, ensaiados vantajosamente em varias partes e que eram pouco conhecidos. Quando saírem á luz as actas e os documentos annexos, cuja impressão se deliberou, o publico em geral e os governos em particular, comprehenderão a

importancia transcendental do congresso que acaba de verificar-se.

Antecipadamente darei algumas noções. A questão das habitações para a classe operaria foi illustrada com os dados mais recentes da Inglaterra e da Prussia, onde estas construcções mais se generalisaram. É incontestavel que dellas resulta não só a salubridade, mas tambem uma grande economia nas despezas da classe proletaria, a tal ponto que em Berlim, por exemplo, uma familia de operarios, áchando-se melhor alojada e pagando menos do que antes, consegue ser proprietaria do domicilio ao cabo de alguns annos, porque o aluguel, ainda que minimo, cobre os juros e amortisa o capital. Outras emprezas particulares da Grã-Bretanha obtiveram um rédito notavel ao seu capital diminuindo o aluguel que pagavam antes os operarios. Não menos notaveis são as vantagens dos banhos e lavatorios publicos, cujos calculos de custo, rendimentos e utilidade material e moral, são muito interessantes.

Porém, nenhum questão offereceu tanta novidade como as dos canos das ruas e latrinas, graças aos importantissimos trabalhos communicados pelos membros inglezes do congresso. O systema, que se ensaiou já em grande escala e com exito incontestavel em varias cidades da Grã-Bretanha, foi perfeitamente explicado por lord Ebrington e M. Ward. Consiste em uma combinação admiravel de dois systemas que procuram respectivamente a limpeza das cidades e a fertilidade dos campos.

Para esse fim se recolhe a agua, quer dos mananciaes quer das filtrações da terra, pelos tubos ou canaes da *drainage* e esta agua se emprega para dissolver e arrastar todas as immundicies e materias excrementicias, no mesmo acto em que cahem nos canos dispostos para esse effeito. Estas materias assim misturadas com quarenta partes de agua correm rapidamente por declives naturaes, se a localidade é a proposito, ou são impellidas fortemente por uma maquina de vapôr que as lança para os districtos ruraes situados a 5, 10 ou 20 milhas. Esta distribuição se pratica por meio de canaes subterraneos, cuja extremidade subdivide-se em tubos flexiveis deguttapercha, pelos quaes se opera a rega dos terrenos com o estrume liquido que resulta da mistura das ditas materias com uma grande quantidade d'agua.

A experiencia tem demonstrado que todas as materias fertilisantes d'esta grande dissolução ficam na capa vegetal do terreno, e que a agua se infiltra perfeitamente clara, sem cheiro, e *até sem sabor*, segundo a informação dos commissarios inglezes. Esta agua de novo serve para dissolver nas povoações as immundicies e excrementos, e por esta causa se denomina *systema de circulação* o processo que acabo de descrever, conservando o nome de *estagnação* o methodo antigo que conserva as materias excrementicias debaixo dos edificios ou dentro das povoações em canos ou cloacas, focos de infecção com enorme perda para a agricultura.

De summo interesse foram tambem os processos discutidos e os dados exactos apresentados sobre a distribuição das aguas e a ventilação das habitações, quarteis, cadeias, hospitaes etc. Os adiantamentos conseguidos nesta segunda parte já permittem renovar e aquentar o ar, sem despeza alguma, aproveitando as cosinhas de que necessita toda a habitação ou estabelecimento. O calor perdido é empregado para aquentar uma quantidade de agua que se faz circular por todo o edificio, e a extracção do ar viciado se opera pela atracção do lar. A introducção do ar exterior, convenientemente aquecido no inverno, e a do ar frio no verão, foram igualmente explicadas mui exactamente, como se verá nos documentos que vão imprimir-se.

O governo quiz dar uma demonstração incontestavel da sua adhesão aos trabalhos do congresso, a que se dignou presidir o ministro do interior, e no segundo dia a assembléa foi agradavelmente sorprendida pela visita do rei Leopoldo e dos dois principes. Outras muitas mostras de apreço e deferencia receberam os membros estrangeiros, que com a recordação agradavel desta interessante reunião levarão a seus respectivos paizes uma collecção preciosa de noticias e de factos já confirmados, de utilidade immediata para a hygiene publica: se as que esta succinta carta contem merecerem alguma attenção, agradeceria aos jornaes da capital que as reproduzissem. Com o tempo, as breves indicações que deixo feitas receberão seu complemento com varias publicações que darei a conhecer na minha patria.

AS CINZAS EM RELAÇÃO A ECONOMIA RURAL.

I

O nome de cinzas não compete, propriamente fal-

lando, senão ao residuo dos corpos organicos depois da combustão ao ar livre; todavia deu-se, e ainda se dá, postoque inexactamente, ás substancias metallicas que perderam tambem pela acção do fogo a sua adherencia, continuidade e fórma; assim é que os estanhadores, por exemplo, chamam cinza d'estanho á cal deste metal, postoque não tenha com as cinzas, quer vegetaes quer animaes, quer com os seus fragmentos, outra parecença que não seja o estado pulverulento e a côr cinzenta. Independente destas propriedades que pertencem a todas as especies de cinzas, tem ellas outras peculiares, como serem inodoras no estado secco, e exhalarem um cheiro de barrela no estado humido: absorverem a agua mui depressa e perderam-na com a mesma promptidão, deixar na lingua um sabor acre; appresentarem; sendo mexidas com algumas gotas de azeite, uma especie de sabão; não conterem materia alguma carbonica; e approximarem-se muito daquella gradação de côr chamada vulgarmente alvadio ou cinzento.

Taes são os caracteres mais geraes pelos quaes se póde conhecer que a substancia oleosa e extractiva foi completamente destruida, e que as cinzas estão perfeitas; mas, parece difficil, senão impossivel, levar ao mesmo gráu de perfeição as cinzas de todas as materias inflammaveis que as fornecem, e de todos os lares onde se preparam. Incumbe especialmente á chymica indicar a naturesa dos principios constitutivos das cinzas, e os processos empregados em ponto grande para applical-as ás artes e officios. O nosso objecto, porém, limita-se a consideral-as simplesmente em relação á economia rural.

CINZAS DE LENHA.

A natureza do terreno e dos estrumes, o clima e as exposições concorrem muito para a formação dos differentes saes que se tiram dos vegetaes por via da combustão; porém, o que nelles se acha em maior abundancia é o alcali denominado potassa. Uma arvore que vegetou ao norte e em torrão humido fornece menos do que outra da mesma especie, plantada em terreno secco e ao sul. A madeira de ulmo dá mais do que a de carvalho, e esta mais que a de carpe etc. A idade e o estado da arvore, a estação em que foi cortada, o processo empregado na combustão variam tambem a proporção dos saes, donde se segue que muitas vezes duas ou tres medidas de cinzas não valem uma, postoque provenientes do mesmo vegetal, relativamente á quantidade do alcali, porque é sempre dessa que resulta o preço que tem as cinzas. São reputadas de boa qualidade quando dão dez libras por quintal! as cinzas das madeiras mergulhadas ou fluctuantes dão tanto menos quanto mais tempo estiveram na agua, que lhes extraíu a mor parte de seus principios mais soluveis.

A materia salina, conhecida no commercio pelo nome de potassa, é inteiramente comparavel, quanto aos effeitos, ao alcali contido nas cinzas produzidas pela combustão de madeiras e de muitas plantas; porém, a maior quantidade que se consome procede das madeiras que se queimam nas mattas do norte da Europa e da America; acha-se sempre misturada com uma pequena porção de terra. O seu uso é tão commum nas artes que procuram extraíl-as de todas as substancias vegetaes. A agua lodosa do esterco e o proprio esterco pondo-se a seccar e queimando-se n'um forno especial fornecem uma cinza que se vende n'alguns districtos da Bretanha aos que querem fertilisar as suas terras e precisam da potassa que aquelles adubos contém. Cumpre aproveitar todos os estrumes que nunca são de mais para o consumo dos campos, nunca perjudicaram a agricultura. Lavouras sufficientes e adubos convenientes são os grandes meios de riqueza approvados pelo exemplo e a prosperidade das nações que sabem ser agricolas.

CINZAS TARTARISADAS.

São resultado da combustão das borras de vinho dessecadas. Preparam-se em larga escala n'alguns paizes vinhateiros; n'outros, ao contrario, as borras e o sarro se vendem aos tintureiros e sombreireiros. Admira que em muitas fabricas de distillação se deixem perder os residuos que ficam nas caldeiras depois de distillada a aguardente, quando é possivel, calcinando-os em covas, obter cinza que póde servir para todos os usos da potassa, principalmente purificando-se como esta.

CINZAS DE PLANTAS.

São mais abundantes em potassa do que as dos lenhos que mais a fornecem; poisque cem libras de cinzas de ulmeiro sómente dão duas libras de alcali, quando a mesma quantidade de cinza de gyrasoes produz o dobro, a do grão sarraceno até cinco libras e a do tabaco oito libras. Á vista destes exemplos incontestaveis, pareceria que um dos melhores meios de obter em abundancia e em toda a parte cinzas carregadas de potassa, seria fazer seccar, antes de amadurecerem as sementes, todas as hervas mondadas dos campos, das hortas, e que o gado recusa comer; como fazem as lavadeiras n'algumas terras. Entre estas plantas, algumas ha que ficam reduzidas a nada logo que apodrecem, ao passo que outras chegam a este estado difficilmente por causa do seu tecido duro e ligneo: lançando-as para o esterco, o que muitos lavradores praticam, as sementes que arrostam os effeitos da putrefacção infectam as terras, espalhando com os adubos os germens das ruins hervas.

Não obstante todas as reconhecidas vantagens das cinzas na qualidade de adubos, seria ridiculo reduzir constantemente a esta forma substancias vegetaes, cujo tecido é molle e flexivel, pela rasão de que enterradas na terra fornecem, decompondo-se, um estrume mais abundante e muitas vezes mais analogo á natureza do solo que se quer fertilisar, salvo se as plantas servem tambem de combustivel pelo acto da incineração. Esta verdade já foi avaliada devidamente nas costas da Normandia, onde vão diariamente abandonando o uso de queimar as plantas marinhas para fazer o que chamam soda de limos, preferindo os habitantes deixal-as converter em esterco.

CINZAS DE SODA.

São producto da combustão, ao ar livre, do Kali, e de outras plantes marinhas que se queimam nas praias do Mediterraneo em vallas expressamente fei-

tas, e que pelo calor necessario para reduzil-as a cinzas soffrem uma quasi meia fusão, donde resultam essas massas duras e pesadas, que entram no commercio com o nome de soda. O alcali que contem differe do das madeiras, plantas, borras de vinho, nestas circumstancias; em vez de se dissolver na agua, abre ao ar, cristallisa mais facilmente e tem menos causticidade. Igualmente se aproveitam nas costas do Oceano muitas algas e limos, applicando-se o mesmo processo da combustão dos differentes kalis. Estas cinzas contem infinitamente menos alcali e mais saes neutros, pelo que são menos proprias para os usos em que se recommenda o emprego da soda. Por isso tambem não lhes fazem preparação alguma para servirem no adubo das terras.

CINZAS DE RELVA.

Nas beiras não trilhadas dos caminhos, em milhares de outros sitios relvosos, se podem achar meios de augmentar o producto das cinzas. Eis o processo que usam em paizes montanhosos como a Saboya. — Cortada a relva o mais miudo que é possivel com um instrumento bem afiado, deixam-na seccar, e para mais facilmente o conseguirem, uns a voltam repetidas vezes debaixo para cima exposta ao sol, outros a mudam de logar de tempo a tempo sem a voltarem. Estando bem sêca, faz-se um pequeno molho de lenha de dois ou tres pés de comprido e um de diametro: poem-se a prumo no chão e vão cercando da relva este molho, ou muitos molhos conforme a porção de herva fazendo outros tantos montes; lança-se-lhe fogo e assim se obtem a incineração.

Quantas terras se tem melhorado muito e muito por se queimarem assim na sua superficie os tojos e outro matto que as cobria! Nota-se sempre que nos campos onde se queima o restolho ou os prados antigos as colheitas são melhores e mais abundantes do que nas terras onde não se empregou a acção do fogo.

CINZAS DE TURFA.

Além do auxilio que a turfa presta a certas artes e officios e ás povoações onde a lenha é rara, póde servir de muito á agricultura empregando-se ou no estado natural ou reduzida a cinzas, e sobre tudo em todos os casos em que é conveniente o tannino, e outras materias vegetaes, reduzidas pelo correr do tempo ao estado de terriço. As cinzas da turfa, cuja efficacia se reconheceu nos prados, veio por essa rasão a ser objecto de commercio n'alguns paizes. Nos arredores de Amiens transportam-nas a sete e oito leguas de distancia, e na Hollanda extrahem a turfa e vão vender as cinzas em carros tão longé que chegam á Flandres e ao Artois. Seria mui vantajoso que onde existem criadeiros de turfa, a aproveitassem para substituir a lenha nas officinas e lareiras, do que resultaria ao mesmo tempo um adubo para os prados artificiaes, cuja extensão tão directamente interessa os cultivadores, porque os habilita para sustentar maior quantidade de gados e obterem assim mais estrumes.

As cinzas da turfa parecem-se ás dos vegetaes de que ella é residuo, e ministram segundo as experiencias de Mr. Ribancourt, libras de cinza por dez quintal de turfa, e mediante a lixiviação duas onças de alcali fixo.

Distinguem-se tres especies desta cinza; a primeira, a que se dá com rasão preferencia, provêm da turfa mais compacta e menos terrea, é pesada e muito amarellada; tira-se das fornalhas dos sombreireiros, tintureiros, fabricantes de cerveja etc. que fazem uso da turfa. A segunda especie é de um amarello menos intenso, mais leve e menos recozida, provêm de turfa não escolhida. A terceira ainda é mais leve, quasi branca; é uma mistura de cinzas das lareiras, produzidas pelas turfas mais communs e tambem lenhas. Muito menos procurada que as outras duas, é por isso muito inferior em preço.

CINZAS DE CARVÃO DE PEDRA.

São de natnreza um tanto differente das que já mencionamos, pois que não contêm potassa. Até se nota que o carvão mais bituminoso é o que não só dá menos cinza, como tambem é difficil reduzil-o a este estado. Na proximidade de algumas populosas cidades onde se queima esie combustivel usam das suas cinzas como estrume. As suas propriedades, principalmente calcareas, as tornam uteis nas terras humidas e de greda; penetram-as e modificam-as, poem-nas em estado de aproveitar mais dos outros adubos indispensaveis que lhes ajuntam.

Esta cinza serve pouco em as artes; apenas entra na composição dos cimentos aos quaes dá grande solidez e a propriedade de serem impermeaveis á agua.

Diremos n'outro artigo como se faz uso das cinzas para adubo das terras de semeadura.

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XXXIII.

DENTRO E FÓRA.

(Continuado de pag. 166.)

A ronda continuou em passo de enterro, e os officiaes pasmados da subita mansidão do meirinho principiaram a urdir conjecturas e a deitar o anzol para vêr se apanhavam alguma explicação. Entretanto, o corregedor ao depois tão conhecido pela alcunha popular de *Camões do Rocio*, apenas viu que ella dobrava a esquina, tornou para o beco da Imagem, e parou outra vez na esquina. O seu desconhecido passeiava sempre com a mesma pacieneia.

« Quem se quer bem sempre se encontra! « disse o Camões batendo os pés com força no chão como se os tivesse dormentes, e interpel-

lando o vulto. » Não lhe parece que a noite espertou? Sinto as mãos e os pés gelados. Se não tivesse medo de o incommodar, pedia-lhe um favor. »

— « Não tenha. Peça! »

— « Occorre-me uma idéa. Se em logar do sr. passeiar em quanto eu assopro nos dedos nos divertissemos correndo alguns passos de espada preta por entreter. Passava o tempo e aqueciamos! »

— « Daqui a duas horas o mais tardar com mil vontades! »

— « Mas ahi é que o ponteiro não regula. Duas horas? Quando dentro de menos de meia preciso fazer as minhas orações? »

— « Eu desejava servil-o, porém... Diga-me; a sua devoção é com aquella imagem, ou sobe mais alto? Em duas palavras: tenciona escalar os muros deste jardim? »

— « Os muros? Eu? O seu passeio sempre lhe lembra coisas! Mas essa pergunta?... »

— « Serve para meu governo. Sendo com a imagem, ou debaixo della, póde rezar toda a noite; não o perturbo. Agora, se é curioso de flores e tracta de as apanhar no jardim, acha-me ás suas ordens com duas estocadas. »

— « Agradeço, mas não aceito. Então a sua ronda? »

— « É para aqui! » disse o embuçado indicando os muros do jardim de Lourenço Telles.

— « Famoso! E para o lado da imagem! »

— « Absolutamente nada. »

— « Pois, sr. embuçado, agora vejo que o melhor é sempre entender-se a gente. Póde guardar as duas estocadas para outra occasião. Eu sou o maior de todos os respeitadores de muros, e ratoeiras. Deus me livre de vesitas pelo telhado dos visinhos ou pelos espigões das cercas. Abborreço os saltos e nunca gostei de me pegar com as paredes. Tenho fracas azas e nenhuma vocação para as carregar de pau. Sou muito pezado para subir ao ar. »

— « Bem! Ficamos entendidos? »

— « Até á paz geral, meu amigo. »

— « Basta dizer-me ás horas que deseja, e tem o passo livre. »

— « Mil graças! E se vier alguem estando eu rezando? »

— Darei signal do meu lado. Se fôr do seu, lá se guardará. »

— « Que horas espera? »

— « Onze por instantes. »

— « Entrego-lhe a esquina, e pego-me com a imagem. »

— « Boa fortuna! »

— « A mesma!... Já lá está? »

— « Já. »

— « E que vamos ficar em trevas. »

— « Á sua vontade. »

D'ahi a nada o outro da esquina ouviu-o bater as palmas de vagar e a gelozia abrir-se. Logo apoz a lampada apagou-se de repente. Neste momento uma nuvem, que passava, cubriu a lua. A escuridão tornou-se completa. Principiou depois o murmurio cauteloso de duas vozes que conversam.

Quando acabava de soar a ultima pancada das onze no sino da freguezia, o ouvido fino do Camões sentiu rumor de passos da parte da ingreme e estreita viella, que lhe ficava sobre a esquerda; e dizendo duas palavras para cima cozeu-se com a parede, tirou a espada, e com ella segura na mão debaixo da capa esperava o que sahiria da aventura. Quem quer que vinha trazia pressa, e uma singularidade (que o não era para o corregedor) fazia que andando rijo lhe dessem estalos fortes as articulações dos pés. O Camões, escutando-os, sacudiu a cabeça pouco satisfeito e enrolou-se cada vez mais no seu capote. Por este signal pareceu conhecer perfeitamente a pessoa que chegava.

— « Hum! « murmurava elle » Moiros na costa? Aonde irá o chaveco? Já vejo: a ronda tem obra esta noite. *Con su pan se las coma!* »

Neste momento mesmo o vulto dobrando a esquina, descubriu-o parado e veio direito a elle. O escuro e o chapéo de larga aba resguardavam-lhe o rosto.

— « Salve-o Deus, cavalheiro! « disse em tom arrogante. » Faz alguma coisa ahi parado? »

— « Guarde-o Deus, cavalheiro! « replicou o ministro imitando-o em tudo. » Vai fazer alguma nessa corrida? »

— « O passeio aquece. Agora parado fóra de horas só quem furta bolsas, ou quem rouba corações. Qual das duas quer? »

— « Deixo-lh'as ambas! Siga seu caminho, e não se importe com os mais. »

— « Ah, ah! Falla-se por aqui muito alto! »

— « Que mais? »

— « Vamos a ellas? » disse o outro arrancando da espada com a capa enrolada já no braço.

— « A minha prompta estava, mas ha uma difficuldade... »

— « Qual? »

— « Vai longe? »

— « Longe! Porquê? »

— « Porque d'aqui a dez minutos estava mais ao seu dispor. »

— « Verdade fallando eu tambem d'aqui a meia hora...

— « Bello! Então primeiro a obrigação, e depois a devoção. O que diz? »

— « Estou combinando... »

— « Veja a sua vontade. »

— « É que eu scismo justamente, porque preciso que não vejam para onde vou. »

— « Estamos iguaes. Nem eu quero que vejam aonde fico. »

— « Ah! Então?... »

— « Temos o caso arranjado. Voltam'o-nos ambos para a parede e rezamos tres credos. No fim delles... »

— « Estou pelo ajuste. Mas é meia noite... »

— « Vamos a ellas! »

— « Palavra de homem honrado? »

— « Palavra de rei, se é mais sagrada. »

— « Bem. Comecemos. »

E voltando-se costas com costas, o Camões tornou para a janella da imagem e o desconhecido dirigiu-se para a portinha do jardim, que deitava para o becco, metteu uma chave, e desappareceu n'um instante fechando-a sobre si. Neste instante o desconhecido, que se cubria defronte com a volta da esquina, e que viera avisinhando-se ao de leve chegou ao pé do corregedor, e tossiu baixo.

— « Ouviu tudo? » disse o Camões.

— « Tudo. »

— « E o que tenciona fazer? »

— « Passar-lhe as duas estocadas promettidas. »

— « Quer um conselho? Não pegue em brazas que se queima. »

— « Isso é comigo. »

— « Olhe que pelo habito nem sempre se conhece o monge. Este homem é muito mais do que parece. Coitado! »

— « El-rei que fosse... era o mesmo. »

— « Como? Pois sendo el-rei?... »

— « Bem sabe, de noite não se vê nada... E um rei a escallar fóra de horas os muros, roubando aos seus vassallos mais do que a vida e os bens, porque lhes roubava a honra, não era rei, era um ladrão. »

— « Pois não tinha duvida?... »

— « De metter a espada até aos copos no corpo do ladrão? Nenhuma! »

— « Então não faz differença entre o sangue real e o dos vassallos? »

— « Faço. O rei é como Deus. Amo-o e venero-o. Mas se descesse a confundir-se com os mechanicos como havia de conhecel-o? Sobretudo, de noite, saltando muros!... »

— « Acho a distincção perigosa. »

— « Será! Quer fazer-me um obsequio?

— « Diga! »

— « Sinta o que sentir não accuda... »

— « Se eu aqui ficar sou surdo. »

— « Boas noites! »

— « Com que sempre desencóva a raposa? »

— « Ella é tão agil e o muro tão baixo! »

— « Deus o leve em sua guarda. »

— « Amen! »

Acabado o dialogo, o vulto tomou pelo lado da estalagem, metteu outra chave na porta do jardim, que abria sobre o pateo, e entrou com precaução, cerrando-a de vagar.

O Camões embainhou a espada, destraçou a capa, e meneando a cabeça, disse dirigindo-se para o sitio, que emprazára a ronda:

— « A comedia está armada e vai optimamente. Trata-se agora de impedir algum lance de tragedia. Servirá v. m.ce de Senhora da Paz, sr. Camões! Quando fôr tempo desce da nuvem e faz o milagre. Como s. alteza real não rirá ámanhã em sabendo tudo! »

E esfregando as mãos apressou o passo para se unir com os seus officiaes.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(*Continúa.*)

ESBOCETOS DE TYPOGRAPHIA HUMANA.

IV

O Pedante.

É homem que pisa grave,
Taciturno, olhos no chão,
Que pára de vez em quando,
Como quem faz reflexão:
Ora, os hombros encolhendo,
Sorrindo, dando á cabeça,
Em signal d'approvação:
As palavras arrastando:
Dando-se ares d'importancia...
Certas *obritas* citando,
Que, chama — insignificancia,
Simples — mera distracção...
Que... talvez, mande imprimir,
Se o fizer — por annuir
A pedidos amigaveis...
Porque — em fim, obras de tomo,
Essas — qual vedado pomo —

A bom recado lá jazem,
No segredo da carteira.
Deixal-as (diz) fôra asneira,
Em seculos de vapôr,
Saír coisa de primor,
D'uma erudição massiça,
Com que a propria auctoridade,
Por mais forte — persuadi;
Defendendo-a na liça,
D'alheios textos cercada.
Como o cepo na cortiça.
— Obras de penna aparada,
O que valem hoje? — nada!
Pois tenho-as: — d'assumpto vario,
Sobre letras, bellas-artes...
Não faço dellas rosario;
Por amostra só lhes cito,
Um extenso manuscripto,
Apoiado em citações,
Que sommam alguns milhões.
— E sobre que? — Rir-se-ia
O commum dos litteratos,
Que pela rama aprecia.
— Eis o ponto discutido:
Saber anno, mez e dia,
Terra, e nome do auctor,
Que tocára a vez primeira,
Com vaquetas o tambor!
— Hão de saber que o pandeiro
É d'origem anterior:
E que embora tambem ôco,
Foi sempre tocado a sôco!
São instrumentos de pelle;
Ambos, d'abafado estrondo;
Plantas da mesma familia...
Porque não foi, logo, aquelle
Como pandeiro tangido?!
— Seria fortuito acaso?
Ou, porque d'Eustachio a trompa,
Recebe as sonoras ondas,
Mais gratas, se com mór pompa?
— Eis ahi, outros novos pontos,
Da prima these pendentes,
Que todos — além de varios —
Puz em termos concludentes
Trabalhei, mas consegui.
Paga do espinho o rigor,
Alcançar mimosa flor!
Mas, ninguem apanha trutas,
Com bragas de todo enxutas:
Dão-se annos ao officio,
Em pontos de magnitude:
Pontos que... — já se não tratam
Hoje... — o tempo vae propicio,
A essa doida juventude,
Que faz bolas de sabão,
A que chama — inspiração!
Escriptos de palmo e meio;
Mas, qual perum sem recheio,
Vasios de citação,
Nem uma nota sequer...
Desses faça-os quem quizer.
— Tambem, um ponto de historia,
De não menor transcendencia,
Discuti, n'uma memoria,
Em que trato da — *excellencia*,
Desse tom, alto-distincto,
Em teclas de nobiliario;
De que o bom tempo de outr'ora,
Tão poupado sempre fôra,
Quanto o de hoje é perdulario.
— Trato pois, d'uso e abuso,
As raizes da palavra,
Seu valor... — e alfim proponho,
O remedio ao mal que lavra,
Li muito, consultei muito;
Gregos, Persas e Romanos,
Sem fallar em lusitanos;
Tudo auctores, já se vê,
De auctoridade sem contra,
Todas de cutiliquê
E sem basofia, confesso,
Tratei o caso — *ex professo!*
O texto é para as notas,
Como dez para cem mil:
Qual tenue flor borrifada,
Por fresca manhã de abril.
Obra, em fim, bem meditada,
Verdadeiro suplemento,
Á nossa nobiliarchia;
Digna de tomar assento
Nos fastos da academia!
— Heide offerecer-lha. Bem sei,
Que depois de reformada,
Val pouco, ou talvez nada...
Apesar disso direi...
Por esta, ou por outra via,
Será sempre Academia!
Embora, o pó venerando
Dos vetustos espaldares,
Se limpe de quando em quando,
É que revolto nos ares,
Assombre o ambito lucido
Da litteraria mansão,
Será, qual subito, tetrico,
Relampejante clarão,
Que o sereno athmosferico,
Perturba em noite de verão!
Sim, regrada Academia!
(Isto diz em tom mais baixo,
A cabeça com respeito,
Inclinada sobre o peito);
Em breve serás volvida,
Ao scientifico remanso
D'auctorisado ripanso!
Em breve! — Mas não te esqueças,
Deste meu sabio conselho,
Presente d'amigo velho:
— Desterra verdes cabeças,
De teu grave sanctuario;
Esses dragões da etiqueta,
Em que pulula fervente,
O virus revolucionario!
Esses, assopros de gente,
Que mechem mais n'uma hora,
Do que um boi um anno á nóra
Convida, agasalha, aceita,
Com — *privilegio exclusivo*,
Esse, a quem Venus regeita,
Que no olhar contemplativo,

Na serena compostura,
No branqueado cabello,
Na regulada figura,
Attesta da edade o sello.
Esse sim, que alheio ao mundo,
Passo a passo, irá sulcando
Da sciencia o mar profundo!
Esse, sim, seja teu socio:
Com elle farás negocio.
— Cumpra o céu meus justos votos,
Serei um de seus devotos.
E quando Atropos cruenta,
Pozer ponto na carreira
Deste ser que me aviventa;
Ficarás por minha herdeira.
Teus serão meus manuscriptos!
E, em aramadas estantes,
Ficarão por documento,
De nosso commum talento:
Do que valem sãos labores,
No voto d'entendedores!
Ver-se-hão nesses espelhos,
Atrevidos rapazelhos!...

¡Ui! Grita o Pedante
Um pé retirando,
Que joven litterato
Ao ponto passando,
Lhe fôra pisando.
Ouviu, conheceu;
E *zás*, pizadella,
Lhe prega o judeu;
Dizendo baixinho:
Melhor te assentára
No chato focinho.
E vae por diante,
E fica o Pedante,
Cortando no fato
Do doido litterato,
Dizendo: grosseiro!
Bem mostras quem és,
O mal na cabeça
Reflecte nos pés.
Bom, ou máu estudo,
Revela-se em tudo!
Sem erudição,
Nem ha creação!...
— E nisto que pára,
Attenta, repara;
Tom grave retoma
Ao vêr, em redoma,
Figuras de gêsso.
Era n'um basar;
E vel-o a entrar.

Pedante.

Eis um grupo de alto preço
Original de Canóva,
A *maneira* lhe conheço
Seja antiga, seja nova,
Obra sua, ao vel-a exploro
De relance a classifico.
Quasi o mesmo a todas faço,
Já se vê — sendo d'auctor:
O *chefe d'obra* do artista;
Por outra, — o *capo-lavor*!

— Estatua, de grande mestre,
Quer, a cavallo, ou pedestre,
Baixo-relevo, pintura,
De paizagem, ou figura...
Quadro a oleo, a cola, a fresco,
Flores, fructas, arabesco,... —
Apresentem-mos; — verão;
Prompta a classificação!
— É um dom particular...
Tenho visto professor,
Ante um quadro duvidar,
Já d'escola, já d'auctor...
Eu cá nunca. Apenas vi,
Como Cesar, — conheci!
— Entretanto, boqui — aberto,
Ao ouvil-o, o *Bazarista*,
Das coisas, que tem na loja,
Abre volumosa lista,
Pedindo-lhe — por favor,
Seja dellas julgador.
Ao que o balôfo pedante,
Satisfaz no mesmo instante,

Pedante.

Chama-se aquillo esboceto.
É copia d'Hespanholeto:
Inda que fosse ás escuras,
Eu lhe via as tintas duras!
— Esta, é a aurora de Guido.
Raro, sublime portento!

Bazarista.

Parece-me ter ouvido...

Pedante.

Dar-lhe outro nome — Ah — de certo,
É a queda de Phaetonte,
Tudo são carro e cavallos...
Ambas sáem do horisonte...
— Oh! aquellas vacas e corça,
São de Rubens: só — por força.

Bazarista.

« — É obra d'um portuguez,
Inda rapaz, — meu fregucz.

Pedante.

— Agora vejo melhor:
São de merito inferior.
Portuguez, — só de Grão Vasco,
Alguma coisa de Vieira,
Muito pouco de Sequeira;
E de Pedro Alexandrino
Quando muito — algum menino,
Nada mais —; lindo moisaico!
É das ruinas d'Herculano,

Bazarista.

« — Dizem ser italiano. »

Pedante.

— Qual! Não lhe vê o texto hebraico,
A adherencia d'argamassa?!
— Oh! bellissima armadura?
Pelas covas dos pelouros,
Pela fórma... — é a couraça
De Gonçalo, o traga-mouros
— ¡Bem conservada loriga?
Esta, é de Lopo Barriga.
— ¡Tambem um genuflexorio!
Conserve-o a bom recado
É de saber que bordado,

Fôra p'la senhora infante
Filha do muito esforçado
Senhor rei Affonso quinto;
Sabia heroina prestante.
Que fundou real mosteiro,
Das dominicas de Aveiro.
— Assim, a torto e a direito,
Quanto vê, de prompto explica
Em fossil parvo conceito,
De frase secca e bastarda,
Diploma — de asno perfeito,
Ou *de jure* — Dom albarda.
Do bazar segue até casa,
Na mão esquerda a bengala,
Em que pega, com doçura:
De pautada compostura,
Na rua como na salla.
Leve aceno de cabeça
Dando só por cumprimento,
Salvo a seges ou fidalgos,
Em que, altera o movimento;
O chapeo, com a mão direita
Pouco a pouco levantado,
Em linha recta descendo.
Cópa acima — braço ao lado.
Chega emfim. Entrou. Despido,
Em talar roupa de chambre,
Bate á porta — comedido,
Velho alegre — mesureiro:
Colete de acolchoadinho,
Curta nisa — pescocinho...
Era seu mestre barbeiro;
Um portento em novidades,
Rapa-coiro jubilado,
Outr'ora, — moço de frades.
— O Pedante, ja sentado,
E de rosto ensaboado;

Pedante.

Então, mestre, que ha de novo?
O que ouviu? Que diz o povo?

Barbeiro.

Dizem, que desembarcara
Um francez. — Mas já lá vae,
Não, por bom, não veiu elle...
Homem, que entra e logo sáe!..

Pedante.

Ah, conheço, sei quem é,
A mais aparada penna,
Que navega hoje no Senna.
O grande monsieur *Thrisé!*

Barbeiro.

Conhece-o v. excellencia?

Pedante.

Um astro de sapiencia,
A quem a Europa admira!..
Somos em correspondencia
Veja — ahi — nessa carteira...
Tire uma carta: — a primeira...
Essa mestre. — Abra; leia:
E verá! o que em Paris
De meus escriptos se diz!

Barbeiro.

Mas é que...

Pedante.

Ah não pereebe
A lingua de Fenelon?
Dos Boileaus, e Flechiers?!
Pois não sabe o que é bom,
O que seja, quanto val,
Esse idioma universal,
Vencedor, em harmonia,
Das linguas do meio dia.
Hoje, quem não diz francez,
É nas letras um indez.
Mas... em fim, como não sabe. —
Vou-lhe a carta traduzir.
Nunca se faz bem sentir,
Original expressão,
Quando dada, em traducção:
Todavia... — E logo a carta
Ora verte, agora inverte;
Ageitando-a, da maneira,
Para si mais lisongeira
— Agora, que venham zoilos!
Grita, em pé — carta na mão,
Uma face barbeada,
Outra, cheia de sabão.
Ante mim se hão de curvar,
Como aos santos no altar!
Quem possue tal documento,
Póde as vélas dar ao vento;
Affrontar rudes *cachópos*,
Mal creados, vira-cópos!
Que mordam! Mas, ai, se um dia,
Com a ferrea lingueta,
De pequenina gaveta...
¡ Daquella!! — E nisto aponta:
Pára. — O pingo do nariz,
Limpa, e trovejando diz:
Ai delles! Que sem demora,
Serão terra, cinza, nada!
A boceta de Pandóra
Tenho alli! — São as asneiras,
Por ordem colleccionadas,
Dessas pennas decantadas,
Sabichonas, — a la moda!
Ah que se lhes faço a póda!...
Coitados! Pobres fedelhos!
Já os vejo, de joelhos,
Humil *pœnitet* erguendo;
Oh! illudem-se, — que então,
Será tarde! — Em ultimatum,
Dar-lhes-hei, redondo — não!
— Isto acaba, em voz de *fifia*
Bate o pé: — abana o chão,
Esvoaça-lhe o cabello,
Da caréca, apenas sello!
E em desplante, — qual caturra,
Jogador d'espada preta,
Aponta para a gaveta!
— O mestre que mudo e quedo,
Em grato chucurrubio,
Na parola pedantesca,
Tinha d'atenção o fio;
Recua, tropeça, cáe.
Navalha, sabão, bacia,
Já se espalham pelo chão:
E, qual falúa, em bahia,
Ou d'Alhandra o marachão,
Eil-os d'agua, ambos cercados,

Os dois pés envernisados,
Do pedante sem sabor.
— De seu quichote furor,
Já sereno; — eil-o pergunta
Por theatro, por egrejas:
Sagrado e profano, ajunta,
De tal peça o enredo explica;
Nota as inverosimilhanças:
Louva o canto, exclue as danças;
Que chama — por excellencia,
Tanques de concupiscencia!
Diz, a origem do lausperenne,
Descreve-lhe as ceremonias.
Toca em pontos d'hygiene,
Ao barbeiro aconselhando,
Nas comidas e bebidas,
Sobre o modo, o como, e o quando.

— Emfim, na rua, ou em casa,
Pense, falle, escreva, leia,
Ande, páre, vista, calce,
Dá sempre co'pé na pêa.
— *Terrestre-humano* cometa,
Cuja orbita confusa
Reflecte a côr do mau gosto,
Em erudição abstrusa:
De longa cauda, constante,
Onde o bom siso é anão,
E o ridiculo gigante:
Assim é — mais sim, mais não,
O bufo — sério, pedante.

Setembro de 52. J. DA C. CASCAES.

HISTORIA PATRIA.

A praça d'Almeida em 1810.

(Continuado de pag. 141.)

Se Alorna foi ou não culpado, é ponto que por agora não ousariamos conscienciosamente resolver; e comtudo isso parece-nos que, na medida que lhe poz a cabeça a premio, andára muita precipitação e iniquidade.

Seneca dizia:

« *Qui statuit aliquid parte inaudita altera*
« *Æquum licet statuerit, haud æquus fuit.*

Mas o governo de Lisboa, esquecido deste aviso, ou antes deste preceito, que anda nos codigos de todas as nações, arrogando-se tambem as attribuições judiciarias, condemnou aquelle militar sem o convencer, e até sem o ouvir.

Almeida entregou-se no dia 28, e a predita portaria foi lavrada em Lisboa nove dias depois, isto é, sob as primeiras impressões que fizera a nova da inesperada capitulação, e por consequencia muito antes de com imparcialidade se poder averiguar a culpabilidade daquelle homem. Póde-se pois mui bem presumir que os governadores irritados e cegos pelo terror que similhante nova lhes causara, e ao publico, e talvez tambem por obediencia aos seus habitos de ferocidade, assignaram aquella portaria sem pensarem que a notoriedade do facto, e a presença das proclamações assignadas com o nome d'Alorna, não os auctorisava a tão irreflectido procedimento, nem como governadores, nem como juizes. O poder, que respeitasse as leis, jámais se abalançaria a pôr a preço a cabeça de um cidadão, salvo depois de condemnado pelas respectivas auctoridades, principalmente não havendo para a sua nação risco algum em esperar pelo preenchimento das formalidades legaes. É que nas monarchias absolutas os que governam commummente só dão importancia ás suas cabeças, isto é, ás que menos valem, como frequentemente acontece.

A duqueza de Abrantes transcreve nas suas memorias (24) uma carta da marqueza de Alorna, enviada de Villa Viçosa para Lisboa em 18 de novembro de 1807 ao coronel Cailhé de Geisne, então ao serviço portuguez. Ora, este documento, curioso pela notavel mistura de bom senso e de loucura que ahi reina, talvez em parte nos explica as causas do subsequente procedimento daquelle general, e da perseguição que lhe fizeram.

Alorna começa-o *mostrando-se assaz enjoado da alliança britannica, e manifestamente lhe prefere a franceza;* acha ser já tempo de os portuguezes comerem manteiga extrahida do leite das suas vaccas, e vestirem a lã dos seus carneiros, sem esta ir primeiro viajar até á Grã-Bretanha; porém, depois parece declarar-se sebastianista, e conta ao coronel uma prophecia, segundo a qual Napoleão, nascendo na Corsega, era descendente do rei D. Sebastião, e vinha a ser antes de origem portugueza do que franceza. Ao heroe corso, na fórma daquella predicção, era reservado um 5.º imperio. Lisboa constituiria parte delle, e do Téjo iria uma expedição conquistar e christianisar todo o continente asiatico, depois do que a idade de oiro renasceria.

Mal pensaria o marquez que dez dias depois de escripta a sua carta, as legiões do monarcha do seu 5.º imperio occupariam Lisboa; e comtudo, bem póde ser que esta subita e inopinada occupação ainda mais o persuadisse da veracidade da prophecia, e que dominado pelo seu tão notorio e louco fanatismo, bem como pelo tedio

(24) Tom. 13 p. 5.

que lhe inspiravam o jugo inglez, e a fuga da real familia, elle, em vez de imitar o patriotismo de Gomes Freire, se dedicasse aos invasores.

Fosse, porém, qual fosse a origem do seu proceder, o que se não póde contestar, é que Junot confiava em Alorna a ponto de em 22 de dezembro (25) o nomear inspector-geral e commandante de todas as tropas portuguezas estacionadas em Traz-os-Montes, Beira e Estremadura, cargos que elle sem hesitar aceitou. Mas, ou porque essa confiança não fosse tão ampla como o mencionado decreto inculcava, ou porque diminuisse, ou por outras causas, o governador de Paris, pouco depois, honrosamente o desterrou, decorando-o com o posto de general em chefe das tropas portuguezas enviadas a França. A viuva de Junot confessa (26) que seu marido remettendo a Napoleão o marquez de Alorna, Gomes Freire, J. Brito Mosinho, M. Brito Mosinho, o marquez de Ponte-de-Lima, e outros officiaes, buscava desviar do paiz os elementos da revolta. E não prova isto que o general, não obstante toda a sua aversão para os breõtes, começava a descrer nas gloriosas illusões do 5.º imperio?

Mas, além deste argumento, outros bem mais positivos existem em favor daquelle homem, sobre cujo tecto como que desde 1758 pesava um fado maligno.

J. A. DE CARVALHO E OLIVEIRA.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

Falleceu esta manhã o sr. Manuel Gomes da Costa S. Romão.

Esta infausta noticia ao correr a cidade levava a dor mais pungente ao coração dos seus muitos amigos, e o sentimento de uma grande perda para o paiz a todos quantos o conheciam.

Homem mais portuguez não o havia — alma mais elevada e caridosa não a conhecemos. São muitos os amigos que tem de chorar a sua falta irreparavel — são ainda mais as familias para quem expirou o pae e protector que não sabia soccorrer senão pelo preceito do Evangelho.

Se o exemplo é a mais segura licção de moralidade, muitos factos da sua vida o fazem um modelo de próbidade e virtude, digno de se imitar. Acções houve na sua vida das quaes uma bastaria para ornar de respeito e admiração uma larga existencia.

Na quadra de suspeição e invejas em que vivemos nem a calumnia ousa, como a sombra, offuscar a gloria que cerca o nome do amigo sempre egual, do homem sempre franco e caridoso.

Ha muito que a morte de um homem não causa tantas lagrimas e tanta saudade.

Desprendido como foi sempre das grandezas da terra, as suas virtudes terão na mansão eterna o premio em que os justos acreditam.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

(25) Decreto no observador portuguez p. 77.
(26) Mem. Tom 13 p. 137.

Productos agricolas. — Escrevem de Badajoz: — Appresentou-se um outono magnifico, e as esperanças de uma boa colheita de azeitona e de bolota serão uma realidade, assim como o foi a dos cereaes e uva. Se o mesmo acontecêra nas demais provincias, seria nesta parte um anno feliz para toda a Hispanha.

Memoria. — No espaço de seis semanas falleceram os tres generaes mais celebres nos feitos militares europeus em a primeira terça parte do presente seculo: o marechal Wolkousky na Russia, o duque de Wellington na Inglaterra, e o duque de Bailen na Hispanha. A nau de tres pontes com maquina de helice, chamada Windsor-Castle, que foi deitada ao mar no mesmo dia do fallecimento de lord Wellington, mudará de nome e em memoria do illustre general se denominará *Duque de Wellington*. Os dois navios de mais força que existem pertencem ás marinhas de França e de Inglaterra. A França tem o *Napoleão*; e o nome do seu rival foi dado á maior embarcação que até hoje se tem construido, o *Duque de Wellington*, cuja artilheria póde disparar n'uma só descarga 4:500 libras de metal.

THEATRO DE S. CARLOS.

A epocha actual do nosso theatro lyrico promette ser das mais brilhantes e agradaveis que temos tido. Não são já simples conjecturas, esperanças fundamentadas, ou informações favoraveis, que nos determinam a fallar do merecimento da companhia escripturada pelo sr. Porto.

É a realidade que se nos offerece, e é della que podemos julgar. Nas tres operas que no curto espaço de quinze dias nos deu a empreza, o *Nabucho*, a *Somnambula*, e *Os Dois Foscari*, debutaram successivamente todos os artistas de canto, de modo que estamos já habilitados, senão a formar um juizo seguro e definido, pelo menos a dizer que a companhia nos parece no seu complexo muito regular, digna de figurar honrosamente em um theatro de primeira ordem como é o de S. Carlos de Lisboa, contando alguns artistas de merecimento não commum, entre os quaes particularmente se distingue a primeira dama M.me Anaide Castellan. Parabens, pois, ao sr. Porto pelo bom exito que teve na parte mais importante da sua missão.

Emquanto a M.me Castellan, nunca dama alguma se apresentou entre nós precedida de tão alta reputação artistica, e percorrendo uma carreira tão brilhante. M.me Castellan tem pisado os principaes theatros da Europa, e em toda a parte tem sido acolhida com os maiores applausos. Paris, Londres, S. Petersburgo, e algumas das principaes cidades d'Italia, tributaram já o seu apreço a esta cantora insigne, que rival da Grisi e da Persiani, conseguiu em algumas operas igualar o nome adquirido por aquelles dois astros luminosos do mundo theatral.

Não admira, portanto, que o nosso publico estivesse ancioso pela apparição de M.me Castellan na *Somnambula*, e que ella fosse acolhida com todos os signaes do mais vivo enthusiasmo.

Não tractaremos aqui do merecimento daquelle *spartito*, porque não fôra senão repetir o que tantas vezes se tem escripto. E quem haverá dos frequentadores do theatro lyrico que não conheça as producções do insigne Bellini, que se não extasie ao ouvir os cantos ternos, inspirados, e suavemente melancholicos que deram um nome immortal ao auctor da *Norma*, da *Beatriz*, e de *Romeo e Julieta?*... Bellini é decididamente o *maestro* da nossa predilecção, porque nenhum como elle soube ainda fallar tanto ao coração, e commover-nos a ponto de nos assomarem involuntariamente as lagrimas aos olhos em diversas situações dos seus *spartiti*.

Foi, pois, a *Somnambula*, a opera que M.me Castellan escolheu para assignalar a sua estrêa perante o publico de Lisboa, para marcar mais um triumpho na sua brilhante carreira. Dotada de uma figura agradavel, de uma linda voz, robusta, sonora, e muito igual, esta artista reune a uma agilidade extraordinaria uma afinação sempre perfeita. Percorrendo com a maior facilidade a extensa escala da sua *tessitura*, o canto de M.me Castellan, apesar de não ser, na nossa opinião, do genero propriamente dramatico, seduz-nos comtudo pelo esmero, e delicadeza da execução, pelo seu bello estylo, e pela nitidez e precisão musical com que executa os trechos mais difficeis.

Mas se concedemos desde já a M.me Castellan, como cantora, o primeiro logar entre as damas que temos tido no nosso theatro, não podemos dizer outrotanto como actriz, que nessa parte nem sempre nos pareceu corresponder ao grande talento musical, que todos lhe reconhecemos. Comtudo reservamo-nos para quando a tivermos visto representar a *Lucia*, a *Norma*, e outros papeis importantes, para então emittirmos um juizo mais seguro a este respeito.

Inutil é dizer que M.me Castellan foi acolhida em todo o decurso da opera com espontaneos e repetidos applausos, porque o nosso publico é bastante intelligente, e nunca deixa de tributar a devida homenagem ao verdadeiro merito. A insigne *debutante* foi chamada por diversas vezes ao proscenio, em uma das quaes teve a delicadeza de apresentar aos espectadores o sr. Porto, a quem pertence de certo uma parte daquelles applausos pela optima acquisição que fez.

O sr. Swift, que igualmente se estreou na *Somnambula*, é um tenor de *meio caracter*, com uma voz melodiosa e delicada, usando do *falsete* com muita propriedade e afinação, e canta com sentimento a parte do promettido esposo de *Amina*. A sua escóla é boa: dizem-nos que foi discipulo do eximio *maest'o* Schira em Londres, e que não havia ainda cantado em theatro algum. Effectivamente, o sr. Swift ressente-se como cantor, e muito mais na sua acção, dos defeitos que são proprios em quem apenas começa a pisar o palco; notâmos-lhe, porém, todas as disposições necessarias para vir a ser um artista distincto. É verdade, que o seu repertorio ha de ser sempre limitado, porque a sua voz carece da força e energia indispensaveis em muitas operas; mas nas partes que forem adaptadas aos seus recursos vocaes, como na *Somnambula*, elle ha de dar sempre muito boa conta de si.

A sr.a Denovani confirmou nesta opera a boa opinião que della formámos quando a vimos debutar no *Nabucho*. É uma artista de muitas esperanças; tem uma voz extremamente sympathica, e bastante intelligencia artistica, e vae-se desenvolvendo menos mal sobre a scena: com estes requisitos, não duvidâmos prognosticar-lhe desde já um brilhante futuro, se fôr assidua e constante no estudo da sua arte. O publico tem recebido esta dama não só com agrado, mas com manifestas provas de favor e sympathia. Não faltou quem taxasse de exaggerados os applausos que lhe foram prodigalisados; é preciso, porém, notar que esses applausos não significam meramente um signal de approvação, mas são principalmente destinados a animar uma artista principiante. Não podemos, pois, censurar essa manifestação do publico, nobre e generosa, porque tende a favorecer o talento n'uma carreira espinhosa, onde ha tantas difficuldades a vencer, tantos obstaculos a superar.

O sr. dell'Aste vae cada vez justificando mais o conceito em que é tido de excellente artista. Se no desempenho da parte do velho *Zacharias* no *Nabucho* conseguiu captar as sympathias de todos, não foi menos feliz na segunda opera. O sr. dell'Aste é dos melhores artistas que tem a actual companhia, e nisto está o seu maior elogio.

Tivemos no domingo *Os Dois Foscari*, de Verdi, para debute da primeira dama Rachel Agostini, e do primeiro tenor Prudenza.

Não nos julgamos habilitados por uma unica representação para emittir um juizo seguro ácerca dos dois artistas debutantes; comtudo diremos, que a sr.a Agostini tem uma bella voz de *soprano*, argentina e robusta, principalmente nas notas agudas, e canta com bom methodo. O visivel temor de que esta dama se achava possuida, por ser a noite do seu debute, não lhe permittia usar de todos os seus recursos, mas assim mesmo ella conseguiu agradar, e ser applaudida.

O sr. Prudenza é um tenor de merecimento: a sua voz, senão muito volumosa, é de um timbre agradavel, e bastante extensa, e o seu estylo de canto pareceu-nos muito bom.

Emquanto ao sr. Bartolini, só diremos que no desempenho da difficil parte do velho *Doge*, este artista nada deixou a desejar.

Consta-nos que teremos brevemente occasião de admirar M.me Castellan, na *Lucia de Lammermoor*, esse chefe d'obra musical do illustre Donizetti.

DEMETRIO RIPAMONTI.